

EST. 5/E
CÓD. 07
PUBLICAÇÕES
MIS/PR

**Cadernos do Mis nº 7
abril de 1989**



BENTO FALA SOBRE O PARANÁ



CADERNOS DO MIS Nº 7 - BENTO FALA SOBRE O PARANÁ

GRAVAÇÃO DO MIS DA PALESTRA PROFERIDA NA B.P.P. EM
1972 POR BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO

UMA VISÃO DE BENTO: TEXTO DE SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA

TRANSCRIÇÃO: FÁTIMA FREITAS

EDITOR: VALÊNCIO XAVIER

EDITORACÃO: CLÁUDIA BRITO

COMPOSIÇÃO: MAYSIA TRAMUJAS AZEVEDO BUENO

RODADO NA CENTRAL DE REPROGRAFIA DA SEEC RESPONSÁVEL
OSMARIO FERREIRA DOS SANTOS

CAPA: DÉBORA SCHHWANKE

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DO PARANÁ
RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 395- FONE (041)-232 9113
CEP 80010 - CURITIBA-PR

*PEDIMOS PERMUTA

APRESENTAÇÃO

Este caderno do MIS faz parte da série de divulgação do seu acervo. Trata-se de uma palestra proferida, em 1972, na Biblioteca Pública do Paraná, por Bento Munhoz da Rocha Netto. Nela o ilustre paranaense explana sua visão, bastante particular, sobre seu estado natal, fundamentada não somente em sua cultura e erudição, no seu saber, mas também no seu amor aos habitantes e terras do Paraná e na vivência dos seus problemas.

Num momento histórico decisivo em que o governo Álvaro Dias, através de suas Secretarias, sobretudo através da SEEC, busca pelo estudo do nosso passado encontrar a verdadeira identidade do Paraná para, a partir dela, traçar os rumos de nosso futuro, este caderno além do seu valor intrínscico, certamente muito ajudará nessa busca.

Completando o caderno, o jornalista Samuel Guimarães da Costa, outro amante e estudioso das coisas do Paraná, traça não um verbete enciclopédico sobre uma figura ilustre do passado, mas sua visão muito pessoal e dotada de não escondida admiração, pela figura viva de Bento.

Desnecessário dizer que na transcrição da fita gravada pelo MIS, em 1972, foram seguidos todos os padrões estabelecidos.

PALESTRA DE BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO

Senhor Secretário da Educação, Senhora Diretora, meus senhores e minhas senhoras, quero agradecer as honrosas palavras do meu amigo atual Secretário de Educação, cuja a vida eu acompanho há muitos anos, filho de um grande amigo meu e também grande amigo, eu acompanho a sua atuação, tenho acompanhado a sua atuação profissional, sua atuação no magistério, a sua atuação social, uma das melhores no Paraná. Convidado pela Diretora a proferir uma palestra, com um tema de livre escolha, eu escolhi então o seguinte: Algumas Heranças Paranaenses, heranças no sentido sociológico ou antropológico, de contribuição de várias culturas que aqui se mesclaram e deram um tipo humano especial, dentro do continente cultural brasileiro, o paranaense. É claro que estas contribuições por mais recentes que sejam, recentes para os 50/70/80 anos já são heranças nossas, já foram incorporadas no nosso passado cultural, já nos explicam sobretudo a nossa diversidade, dentro do Brasil. O Brasil é um continente, e como tal é diverso a nossa unidade nacional, unidade cultural é uma unidade dentro da variedade. E não podia ser de outro modo, países infinitamente menores que o Brasil, como vários países europeus, como por exemplo: a Itália, ela é diferente cul

turalmente de norte e sul, de modo que não é de admirar que assim fosse no Brasil, um país que se estende em 40º de latitude, 8º de latitude norte a 33º de latitude sul. Eu visitando Macapá, capital do Amapá, justamente onde passa o Equador e localizaram astronomicamente uma faixa metálica, o Equador no forte do Macapá, então eu tirei, como muitas pessoas que lá estão, tirei uma fotografia com um pé no hemisfério norte e outro no hemisfério sul. Justamente junto da linha equatorial. Tendo contato certa vez aqui com um adido cultural da Embaixada da Inglesa, ainda no Rio, ele chegou ao Brasil e foi visitar aquilo que achava mais característico no Brasil, então visitou o norte e nordeste antes de visitar o sul. E num almoço no mês de julho, em dia de forte geada, ele então com aquele senso britânico da diversidade dentro do Império, disse ele: o Brasil é um Império. E é um Império, aliás chamou-se quando se tornou independente Império, também pela sua diversidade, mas ainda pela existência do Uruguai, no primeiro, na primeira proposição, no primeiro projeto de Constituição Imperial, devido a José Bonifácio, ele numera então as províncias, começando lá por cima, pelo Pará, depois as diversas províncias Maranhão, Piauí, descendo Minas, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, não existia o Paraná, Rio Grande. Aí a intuição sociológica de José Bonifácio, que sentiu que o Uruguai não era brasileiro porque não era português, esse exclusivo motivo, não era português. Então, diz ele: e por federação o Estado Cisplatino. O Uruguai foi fundação portuguesa, colônia em frente a Buenos Aires, os portugueses chegaram antes que os espanhóis, mas acontece que Portugal perdeu a batalha cultural, a começar pela língua. No Uruguai desde o início a predominância dos espanhóis, da língua castelhana sobre a língua portuguesa. Isso se deu então a intuição, também admirável, de ordem sociológica aos Reis de Portugal, que percebendo aquilo resolveram aportuguesar o Rio Grande. Então operam uma obra antropológica maravilhosa com o exército português na vanguarda e os colo-

nos açorianos na retaguarda. Obra do aportuguesamento, e só se conservou brasileiro aquilo que foi culturalmente português.

Mas, nós para abordar o tema da herança sociológica, das heranças sociológicas do Paraná, algumas heranças. Temos que partir da diferença das zonas geoeconômicas. O Paraná tem duas grandes regiões geoeconômicas, na classificação mais aceita, a das lavouras tropical, de campo de pinheiro, que começa aqui mais ou menos na altura do Piquiri, e vai até o sul do Rio Grande, no interior. E na zona cafeeira, que é o norte do Paraná, a região de produtos tropicais de exportação, que é o café. Essa é uma região que vem lá desde o Rio Grande do Norte pelo litoral e na altura do Espírito Santo, penetra pelo interior abrangendo Minas, todo o São Paulo e essa parte da região cafeeira do Paraná. Mas nós temos duas regiões geoeconômicas, no interior dá-se isso no norte, com o Maranhão pertencem a duas regiões geoeconômicas uma parte é a Amazônia o excesso de chuvas, outra é nordeste, falta de chuva. E é interessante que viajando de avião sobre o Maranhão em poucos minutos passa-se do nordeste para a Amazônia. Então é aquela vegetação exuberante do calor e do excesso d'água. Assim nós temos essas duas regiões geoeconômicas que nos caracterizam geograficamente sob o ponto de vista da geografia física. É claro, que de início quando o Paraná começou e tinha que começar no mar, com a fundação de Paranaguá, região quente também, mas que pela faixa pequena não pode se enquadrar naquele conjunto pleno de produto tropical de exportação.

De modo que Curitiba e o que eu chamo planalto frio, primeiro, segundo e terceiro planalto, que é uma classificação um pouco arbitrária, mas é o que eu chamo o planalto frio do Paraná, com uma média anual de temperatura entre 15º e 16º, essa é uma média anual igual a de Lisboa, a de Marselha, uma média anual mais baixa que a de Nápoles, pela temperatura a nossa classificação de clima seria, na terminologia francesa, de

clima mediterrâneo. Mas, desde já quando o colono ou os paulistas que fundaram Curitiba na segunda metade do século XVII e os primeiros paranaenses que aqui nasceram tiveram a consciência da diversificação regional do Paraná, país tropical, mais que tropical o Brasil é um país equatorial. Agora é evidente como planalto frio nós estamos a dois graus ao sul do Trópico de Capricórnio com as altitudes variando de 900 a 1.200/1.300 metros, não somos evidentemente um clima tropical. E daí a diversidade da consciência de estado regional e sobretudo o que é mais muito mais importante, a consciência da nossa diversidade regional. Eu já tenho contado, numa campanha eleitoral, isso serve bem de exemplo, porque eu posso dizer que são muito didáticos, nós nos perdemos no oeste, entre Guarapuava e Palmas, perto do Iguazu, mês de setembro, muita chuva e tínhamos que dormir então no jipe, dormimos encharcados. E no dia seguinte amanhece uma senhora geada, geada como nunca vi. Porque geralmente quando chove muito, mesmo que caia a temperatura no dia seguinte chamam aqui a geada negra a que não se vê. Mas lá tava branco. Então um dos nossos companheiros desceu, puxou seu trinta e oito, deu dois tiros e afirmou: - Isso é pra quem disse que o Brasil é um país tropical, mês de janeiro*, nós encharcados e morrendo de frio. É um clima que não serve mais para os padrões de clima tropical do Brasil, aqui serve para a nossa cultura.

A zona cafeeira surgiu tarde, não seria bem isso pela diretriz do transporte ferroviário, em 65 se fundou Tomazina, por mineiros de Itajubá e portanto a cem, mais de cento e sete anos, pois bem; mas não progrediu, havia o empaludismo. O café mesmo sob o ponto de vista econômico foi vir muito mais tarde, come

* NOTA DE TRANSCRIÇÃO: ele diz janeiro, embora um pouco acima tenha dito setembro.

çou na década dos vinte, mas sobretudo na década dos cinquenta quando o Brasil, o Paraná teve a sua população em dez anos acrescida de 102% enquanto o Brasil cresceu cerca de 30%, mais do que dobrou com o rush do café. Em 1959, no ano agrícola do café, em julho nós atingimos então pela primeira vez a supremacia de café do Brasil, maior produtor. Portanto, isso veio também modificar sobre muitos aspectos a apresentação paranaense, a nossa tradição básica era o clima frio, esse clima frio trouxe no século XVIII a imigração européia, não Ibérica e também muitas vezes não Latina, os latinos eram os italianos, os poloneses, os ucranianos, os alemães. Os mais antigos os alemães com a fundação de Rio Negro em 1829, mas vejam os senhores o elemento básico português, depois com essa tremenda miscelânea do século XIX, eles trouxeram a sua contribuição cultural, essas contribuições culturais pelo menos nessas quatro origens principais formam, também algumas heranças paranaenses. Fundido com a cultura inicial, exclusivamente portuguesa, não tivemos o preto, porque o escravo negro veio para as grandes lavouras tropicais e depois com o rush do ouro, para Minas, que não tinha na época lavouras tropicais de exportação, mas o ouro chamou gente de todo o Brasil, tanto que naquela época no começo do século XVIII o, todos foram a procura do ouro e todos abandonaram todas as produções, (?) diz a história ido para Minas dos campos de Curitiba e os campos de Curitiba é toda essa região abrangendo uma parte de Santa Catarina, custava (?), Minas 100 oitavas de ouro em pó, isso é mais de mil cruzeiros atuais, no começo do século XVIII, mas essas quatro migrações caracterizam também um tipo psicológico paranaense, eu não me refiro ao sírio-libanês, porque sírio-libanês, não é característica do Paraná. É característico de grandes regiões brasileiras e a imigração foi muito mais recente, São Paulo por exemplo tem a maior colonização. É um estado que economicamente mais prosperou, mas o sírio-libanês com uma capacidade fabulosa de adaptação, sobretudo no campo político, quer dizer a atividade política é uma

das provas da adaptação cultural. Eu quero me referir a um fato de Mato Grosso, na última legislatura em que eu fui deputado federal de 59 a 63, pela Constituição de 46 a menor representação de deputados federais por estado era de sete hoje é menor, em função da população. Pois bem, Mato Grosso, sete deputados federais, tinha cinco descendentes de sírio-libaneses é uma prova de uma adaptação cultural e o enquadramento político é uma das grandes apresentações da adaptação cultural. Mas nós tivemos inclusive, sob o ponto de vista somático, sob o ponto de vista físico a aproximação para a criação de um tipo paranaense, não vamos falar de raça, porque raça é uma categoria que em sociologia não existe. Essas quatro trouxeram as suas contribuições que foram aumentadas recentemente no nosso século com as migrações para oeste e sudoeste do Estado de Ítalo-gaúchos e de teuto-gaúchos, vieram e como disse, no discurso do centenário o partido presidido pelo Presidente Getúlio Vargas:... os teuto-gaúchos e os Ítalo-gaúchos estavam contribuindo estavam para a homogeneização do tipo físico do paranaense, que começou nesse aspecto no século XIX com imigração estrangeira. Claro que a migração da zona cafeeira, sobretudo dos anos cinquenta trouxe uma profunda alteração que nós vamos em seguida ver. Uma profunda alteração porque, se por um lado, por um lado na produção cafeeira que exige grande investimento de capitais, vieram os homens da tradição cafeeira do Estado do Rio, de Minas, de São Paulo, a mão-de-obra era uma mão-de-obra sem qualificação, de modo que vieram desses estados também para o Paraná, alterando a nossa composição biológica mas nos aproximando do ponto mais divulgado do tipo brasileiro, que eu chamo clássico ou convencional do caboclo, também o número de pretos. Eu tirei uma fotografia de Porecatu na Usina Lunardeli há muitos e no meio de operários, quase todos pretos então eu botei um título na fotografia, O açúcar tão branco manchando de preto o Paraná, de fato é o que se verificou lá, mas também a imigração de descendentes de imigra-

tes europeus sobretudo de São Paulo. Mas vamos ver algumas heranças, algumas características que definiram o paranaense não só pela contribuição cultural do imigrante estrangeiro do século XIX, mas também pelo fator clima, pelo fator da geografia física, um deles o primeiro é contra a exuberância brasileira, a introspecção paranaense que tantos e tantos escritores nossos tem falado da timidez. E eu não concordo não é timidez é introspecção, é o horror a aparecer na frente, é o horror a pleitear, como o paranaense clássico não sabe pleitear, não sabe pedir. Isso eu senti no governo e o meu Secretário de Educação deve ter sentido isso, como os Secretários da Educação dos outros Estados pedem e pleiteam, batem o pé e não tem vergonha de pedir, o paranaense tem vergonha de pedir, é uma característica nossa, de encolhimento, também o clima favorece, é claro eu já fiz um estudo sobre o aspecto urbano de Curitiba, eu que sou de Paranguá e (?), um dia desses falei lá no centenário do Clube Literário, eu disse: eu me sinto um homem do planalto paranaense, mas tenho a nostalgia do mar e a nostalgia sobretudo da exuberância do homem do litoral, de vê de longe a gente, já vem de braços abertos; eh! como vai! O homem do planalto falou, isso é fatal em matéria de cumprimento, pois bem, aliás tem uma crônica admirável do Jaime Balão Júnior que descreve com a contribuição de sua progenitora que faleceu há muitos anos a chegada de Zacarias aqui em Curitiba. Então todo, tinha muitos alemães já, interessante o número de alemães que em 1853 havia em Curitiba, até fizeram uma guarda de honra, a cavalo para receber num carro alto o Zacarias. Pois bem, toda a população é claro compareceu em peso a chegada do Zacarias, todos nas suas melhores roupas, mas todos presentes respeitosamente receberam o primeiro Presidente da Província, que vinha instalar a Província, mas todos quietos. Então vinha no segundo carro, o secretário do Zacarias de, carioca exuberante botava a cabeça pra fora e dizia! Dêem vivas ao Presidente! E as multidões caladas, as multidões quietas, continuam em parte. Com exce-

ção de certos casos no futebol, sobretudo quando o jogo é atletiba, aí é diferente. Mas vejam como essas características nossas já vieram somando, o meio físico, o encolhimento, a descrição de uma, de uma Curitiba que eu fiz, de um inverno, digamos seis meses no ano, com frio a noite, as ruas desertas, havendo uma divisão profunda, nítida entre a rua e o lá dentro, entre a visibilidade física e ruma que é encolhido, parece que; uma impressão falsa dos que nos visitam, a falta de hospitalidade. Não, nós somos, não acessíveis tanto como o nordestino ou como o carioca. Mas quando nos abrimos, nos abrimos mesmo e somos amigos excepcionais. Nas cidades quentes como todo o nordeste do Brasil, ou na minha Paranaguá também em muitos meses do ano, todo mundo na rua, a noite. Todo mundo mundo enfeitando a rua, sem uma linha divisória de finida entre a rua e o lar. E sobretudo nessas casas, e antigas de alinhamento de rua todas as janelas e portas abertas, e os homens e as mulheres na calçada, sentados com cadeiras na calçada. Quem está na rua está vendo o interior. Nós temos que ser assim pelo clima, só pelo clima, só pelo clima mais recolhidos, agora ponha algumas características outras trazidas tanto por alemães, quanto por ucranianos, como poloneses. Os italianos a contribuição foi mais igual a nossa tradicional, latinos, língua parecida, mesma religião de modo que não houve uma disparidade cultural tão grande, quanto dessas outras três culturas. Eu não falo em etnia, falo em cultura, que é modo de ser, que é herança sociológica. Nos Estados Unidos, por exemplo chegaram a conclusão de que; os descendentes de ingleses estão em minoria hoje na população norte americana, mais de 200 milhões de habitantes, mas nem por isso ela deixa de ser América Inglesa, é América Inglesa diríamos que só um especialista em linguística poderá saber Eisenhower não é nome anglo saxão, não é nome de origem inglesa é nome alemão, Eisenhower é neto de alemão. E foi o homem que, general, que na história do mundo que mais gente comandou, mais soldados comandou, mais soldados comandou contra a Alemanha, a terra

dos seus ancestrais. Mas só um especialista vai saber disso, ao passo que aqui a verificação pelo sobrenome não português, não latino já é diferente. Por exemplo; nós temos uma característica que nós, que não nos serve eu tenho estudado muito essa parte de sobrenomes, sobre nomes não portugueses no sul do Brasil, São Paulo até o Rio Grande, quem pega por exemplo uma lista de formandos de qualquer faculdade ou universidade, de colégios, uma lista telefônica de Curitiba, das cidades todas do sul, do centro e o sul verá como os sobrenomes portugueses estão em minoria então um nordestino ou um mineiro, diria: bom, tem poucos nomes brasileiro, porque nós identificamos o sobrenome português com o sobrenome brasileiro, que português é o sobrenome brasileiro, isso tá certo no nordeste, não está certo no Paraná, quer dizer os sobrenomes outros são tão brasileiros como os sobrenomes portugueses. Porque tem a mesma, identificam gente da mesma cultura nossa, que é a cultura luso-brasileira, que eu já fiz seminários nos meus cursos de história, sobre justamente o fato de ser a cultura do Brasil a cultura luso-brasileira, a cultura, o modo de ser, a língua a língua é o elemento fundamental da cultura. De modos que uma vez eu fui interrompido numa, por uma aluna minha de origem alemã, puro sangue alemão, pai e mãe alemães, e ela me perguntou; - mas eu posso ser luso-brasileira pela cultura quando não tenho nenhum sangue? É claro pode ser e é, inicialmente com uma contribuição diferente, não se pode querer por exemplo que um alemão, um polonês ou ucraniano de primeira geração de Brasil seja 100% brasileiro sob o ponto de vista cultural, isso acontece no, nos representantes dessas culturas no nível universitário, aí é diferente, porque acima de tudo também o mesmo sistema de ideias isso é diferente, mas luso-brasileiro pela cultura. Já tenho também citado o caso de amigos meus, sírio-libaneses que morreram e agonizaram em português. Na hora suprema na hora da despedida foi em português, que eles se expressaram. Portanto cultura luso-brasileira não

tem nada a ver com a raça, como a América, como os Estados Unidos constituem a América Anglo-Saxônica ou América Inglesa, ingleses pela cultura. Lá eles ainda se distinguem, por exemplo em Nova York, há muito chofer de táxi de origem italiana. Eu gosto de ser muito especula, quero saber das coisas, e eles se chamavam de italianos, mas de terceira geração. Quer dizer, eram cidadãos americanos, louvavam-se disso e sobretudo há uma rapidez no processo de assimilação do estrangeiro nos Estados Unidos, pela honra que o estrangeiro tem de ser americano, ser o país mais rico do mundo que produz mais isso, que produz mais aquilo, eles se louvam disso, então são americanos, tem a convicção disso. Mas, naquele mundo, naquela diversidade cultural, que a nação americana representa eles então querem se identificar como pertencendo ao grupo de origem italiana, eles então dizem que, eu sou italiano. Mas não quer dizer nada com a nacionalidade.

Essa característica da introspecção, do não pleitear, do não querer aparecer, clima ou contribuição cultural, acho que as duas coisas, as duas coisas juntas e eu então, tanto no governo, quanto profissionalmente em contato com esse Paraná, que é o Paraná antigo e o Paraná que é mais brasileiro sob o ponto de vista clássico e convencional, da zona cafeeira como é diferente sob o ponto de vista psicológico, eles lá pedem, eles lá pleiteiam, eles exigem, eles tem muito definido duas características, que nós temos também é claro, em sociologia como em estatística funcionam os grandes números. Quando alguém afirma alguma coisa em sociologia, é a frequência dos casos é a visão global. Não quer dizer isso também que o oposto não se verifique, verifica sim, por exemplo: o pistolão te dá um jeito, são duas características a meu ver fundamentais da psicologia do homem brasileiro, dar um jeito na coisa. Que aliás essa psicologia de dar um jeito tem feito grandes benefícios ao Brasil, nas resoluções por exemplo, parece que vai haver uma sangueira danada, parece que vai morrer gente. Tem a

filosofia de dar um jeito que pode ser também crismada da turma do deixa disto e não sai luta. Então o céu se desanuíra, tudo fica azul e o Brasil continua.

Nós aqui, paranaenses clássicos temos menos essa psicologia do dar um jeito, e temos menos a psicologia do pistolão, temos sob algum aspecto verdadeiramente um espírito igualitário, vejam os senhores igualitário. De igualdade de todos e portanto o pistolão ou o pedido seria uma injustiça, o protecionismo seria uma injustiça a discriminação seria uma injustiça. Mas, um aspecto que eu acho fundamental é na região do planalto frio, aspecto que desde o início com sobretudo com a colonização européia do século XIX, se verificou foi; um comportamento sociológico compatível com o desenvolvimento. Eu tenho desenvolvido em vários estudos a contribuição do imigrante, que parte de um princípio; o imigrante por ser imigrante não é necessariamente o melhor, mas é necessariamente o homem de mais iniciativa, o homem de mais coragem, o homem que tem confiança em si mesmo, o homem que sabe que pode construir o seu destino. Então tem as suas opções e tem a sua ação, vocês imaginem os alemães que vieram para Rio Negro em 1829 e depois vieram para Joinville e para o Vale do Itajaí, saíram lá do seu país, que ainda não estava unido, que a Alemanha estava dividida em vários reinos, mas saíram de lá para um clima diferente, para uma região de língua completamente diferente, língua, clima, herança e cultura, precisa coragem. Os homens que ficaram são aqueles que não tinham a coragem de sair. Isso nós vemos aqui, no Paraná por exemplo com nordestinos que vieram pra aqui com a mesma mentalidade de mudar para melhorar, ninguém imigra pra piorar, ninguém imigra pra região decadente, a imigração sempre dá pra regiões que estão crescendo, pra regiões que estão prosperando. Certos nordestinos que vieram pra aqui, quiseram por trazer os irmãos, os irmãos ficaram no nordeste, eles vieram pra aqui que enriqueceram, os que ficaram no nordeste continuaram como sempre, quer dizer, es

se comportamento, que em sociologia se chama: comportamento compatível com o desenvolvimento. Sabe que há desenvolvimento, sabe que há, que o desenvolvimento depende da poupança, pra ser investida e depois pra ser reinvestida. Longe de mim achar que o desenvolvimento seja uma filosofia de vida, não é, ela tem que ter uma finalidade. O desenvolvimento não é uma finalidade em si, é um caminho para outras conquistas do homem, mas esse comportamento compatível com o desenvolvimento, isso todos os imigrantes trouxeram e mais ainda trouxeram e realizaram então uma contribuição cultural. O paranaense antigo também se empolgou com o tema desenvolvimento, vocês vêem aqui de imigrantes que enriqueceram; o Matarazzo começou do nada, a senhora Matarazzo começou fazendo banha em taxa de cobre em casa, ela. Aí veio o Matarazzo do Estado de Vieira, foi quem inventou; foi ele quem inventou o acondicionamento da banha em lata de flandres foi o primeiro que fez isso, então foi embora. Quer dizer o homem que vem com a preocupação do desenvolvimento. Isso é tão importante que já Jacques Lambert, economista e sociólogo francês ele acha, é muito interessante isso, acha que os três Estados do sul, Paranã, Santa Catarina e Rio Grande os mais desenvolvidos do Brasil, mais que São Paulo. Ele chama aqui os três Estados do Sul; desenvolvidos em quase a sua totalidade, São Paulo desenvolvido em grande parte. Porque isso? Pelo comportamento, porque desenvolvimento é um desejo, é uma meta, essa meta tem que existir. Um caso típico foi em Natal quando durante a última guerra é, os americanos construíram a base de Parnamerin, três mil metros de asfalto que é o portão da vitória pra África, depois terminando a guerra, reverteu ao governo brasileiro. Então não havia máquinas, era só trabalhadores braçais, de modo que foram milhares de trabalhadores que os americanos empregaram pra construir. Naquele tempo o salário do trabalhador sem qualificação em Natal era de um cruzeiro e sessenta, veio o americano, o dólar era dezoito e oitenta naquele tempo, arrendaram o dólar para vinte cruzeiros e pagamento semanal, de mo-

do que no sábado incluindo o sábado de trabalho completo cada um ganhou cento e vinte cruzeiros, segunda-feira não tinha ninguém pra trabalhar, receberam dinheiro demais. Mais para as suas ambições, mais para seu estilo de vida, mais para os seus hábitos. Então foram caçar, foram pescar. Eles tiveram que fazer uma adaptação de salário. No Paranã, na zona de Curitiba aconteceria isso? Claro que não. Quanto mais o trabalhador ganhasse, mais queria ganhar, porque tem o hábito da poupança, tem hábito da melhoria do estilo de vida, seu. Melhorar a sua casa. Hoje eu acredito que nem lá em Natal aconteceria isso por um motivo muito simples, pela venda a prestação. Hoje se eles recebessem um salário dez vezes maior eles vão comprometer na compra a prestação e logo também voltariam na segunda-feira pra ganhar mais e comprar mais.

Naquele tempo não havia nem a indústria nacional, que tem essa pungência de hoje, tinha essa pungência de hoje. Daí os senhores vêem que desenvolvimento é comportamento, é adaptação a um sistema de vida que traz a poupança para o investimento, por isso eu achei interessantíssimo essa idéia de Jaques Lambert, de pegar os três Estados do sul, onde pela tradição, pela herança cultural é mais comum o homem com esse espírito econômico.

Outro, eloquente mesmo, é o do comportamento para a educação, coitadinho do caboclo como é que ele vai..., ele não tem a tradição da educação, de alfabetizar o filho, ele já é analfabeto. Hoje houve uma revolução, tô vendo isso em todo Brasil. O homem rural, mais atrasado quer educar, quer que o filho tenha aquilo que ele não teve. Mas não sabe agir. Ao passo que o europeu que veio no século XIX pro Paranã, já trouxe o comportamento compatível com a educação, já trouxe, o hábito da educação. Por exemplo os alemães do Vale do Itajaí, os alemães, os alemães de Blumenau há cem anos 1850 que vieram isolados, claro que não tinha escola, não vamos criticar nem o governo Imperial nem o governo provincial de Santa Catarina, porque não deu escola. Não podia dar,

não tava nos hábitos, não tava nos métodos da época nos estilos da época. Agora pergunto eu, por isso sem escola, o alemão deixou de alfabetizar seus filhos? Claro que não, educou os seus filhos. Não tinha escola, alfabetizava em casa, depois o governo alemão subvenciou a criação de escolas alemãs em Joinville e no Vale do Itajaí, mas analfabeto não surgiu lá. Não surgiu porque? Por isso, é a tradição, é a cultura, nós aqui no Paraná então é um caso típico, dessa preparação para a educação, basta ver, na, como sempre o ensino no Paraná foi democrático, como sempre a Universidade do Paraná desde que se fundou em 1912, foi democrática.

Não é a mesma coisa no nordeste, no nordeste é uma minoria, é até uma minoria sob o ponto de vista racial. E o preto fica de lado, é mais o branco que vai. E aqui nós vimos isso, como nasceu a Universidade democrática, como é fácil de fazer uma estatística não já a frequência inicial, mas os professores da Universidade de origem estrangeira imediata de uma ou duas gerações. Professores, filho de operários, porque? Porque está na tradição deles o comportamento compatível com a educação.

Como o rush cafeeiro aproximando culturalmente e biologicamente o paranaense do tipo tradicional e convencional do Brasil, trouxe alterações. Eu sempre, em vários épocas eu falei sobre nome rural, quando, às vezes até com malícia, qual é a comida paranaense? Muita contribuição italiana e muita contribuição alemã. Mais recente ainda, mas que não é a característica de todo o Brasil, a contribuição sírio-libanesa, com o kibe.

De modos que, nós temos que ter essa diferenciação regional e temos que amar essas diferenciações regionais, que são contribuições próprias, características nossas, porque o Brasil é, eu disse certa vez no centenário do Paraná, que o Paraná é a síntese do Brasil. E é progressivamente uma síntese do Brasil, porque nós teríamos a nossa diversificação pró-

pria se o Paraná continuasse com essa mesma herança cultural, que começou com as primeiras fundações portuguesas ou paulistas no Paraná. E depois com a contribuição desses imigrantes que eu falei, mas com o café, a migração em massa foi nacional e foi do brasileiro tradicional daquele verdadeiramente luso-brasileiro, sob o ponto de vista não apenas cultural mas biológico, de modos que há hoje uma mescla, se o Paraná na sua visão global, na visão de todas as suas heranças sociológicas deixou de ter aquelas, nessa visão global, aquela parte característica que eu falei do planalto frio, os portugueses e paulistas iniciais depois das grandes migrações que vieram pra cá, no século XIX, na visão global, essas características próprias nossas se abrandaram, se abrandaram com os contingentes brasileiros clássicos que nos procuraram no rush do caminho.

Por isso, mais do que nunca nós somos hoje uma síntese do Brasil e devemos continuar assim, devemos querer ser uma síntese do Brasil, continuar a ser uma síntese do Brasil. Mas sem perder aquelas nossas características, heranças nossas paranaenses que enfeitam a grande cultura da grande comunidade brasileira. São contribuições diferentes sobre todos os aspectos. Isso que nós devemos, nós paranaenses mais antigos, incorporamos hoje a vivência paranaense atual, incorporando, abasileirando, mas mantendo essas características que tornam o Paraná uma das grandes expressões da civilização brasileira.

Muito obrigado.
(aplausos)

BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO

Nascido em Paranaguá - cidade portuária considerada o berço da civilização paranaense -, onde seu pai foi prefeito e influente na liderança política a nível estadual, filho e genro de governadores do Paraná ao tempo da I República, engenheiro civil e professor universitário, Bento Munhoz da Rocha Netto teve todas as qualificações para ser na vida pública e no panorama cultural de sua geração uma das figuras melhor identificadas com o que o chamado paranismo tem de mais autêntico e profundo.

É claro que para ser paranista não basta a certidão de nascimento, até porque há arraigados mais alienados de seu meio do que o forasteiro recém-chegado. Muito mais que a mera expressão de bairrismo e regionalismo e/ou valorização da prata-de-casa naquele sentido do localismo xenófobo de ruim, mas nosso, o paranismo é antes um estado de espírito e deve ser visto como uma tomada de consciência, penetrada de forte historicidade, em torno das grandes causas paranaenses que realmente traduzem legítimos reclamos da sociedade, tradições e tendências de alcance coletivo. Situado entre São Paulo e o Rio Grande do Sul e formado como salutar contribuição dos paulistas e gaúchos - que sempre tiveram forte influência política na República -, o Paraná se manifesta por movimentos próprios de afirmação e que lhe permi-

te ser visto como área individualizada no contexto da Região Sul, a segunda mais importante do País.

Como deputado federal e constituinte de 1946 - quatro vezes 1º secretário da Câmara dos Deputados-, depois governador de seu Estado e, nesta condição, chamado a ocupar um Ministério da República, Bento Munhoz da Rocha Netto foi sempre um notável paranista, sem prejuízo de sua formação humanista de cidadão do mundo, de brasileiro representativo da melhor elite política e intelectual do País, além de estudioso de problemas americanistas.

Foi com essa visão aberta que ele abriu espaço na cultura e na política, marcando o início de sua vida pública - ainda que um tanto tardia, em razão da primeira ditadura que se abateu sobre o Brasil (1937-1945) e atrasaria o batismo democrático de toda uma geração - como um dos mentores mais atuantes de dois movimentos memoráveis de opinião, no exato momento da redemocratização do País em 1945/1946. Um deles foi a campanha em prol da federalização da Universidade do Paraná, a primeira criada no Brasil em 1912 e cuja manutenção se tornaria encargo precípua da União; o outro foi a desfederalização, se assim podemos dizer, do Território do Iguaçu que ao tempo do Estado Novo de Vargas amputara do Estado do Paraná toda a promissora região do Extremo Oeste, quando no dizer do próprio Bento o Brasil ia deixando de ser território da ditadura.

Governador eleito do Paraná na década dos anos 50, em que o Paraná deveria comemorar o primeiro centenário de sua emancipação política, Munhoz da Rocha Netto não deixou escapar a preciosa oportunidade. Tratou de capitalizar e investir por todas as formas a posição privilegiada que seu Estado estava adquirindo como maior produtor e exportador de café do mundo e área de intensa migração interna, causa de uma explosão econômica e demográfica sem precedentes, especialmente na região do Norte do Paraná, superior ao da grande imigração estrangeira que ajudou a ocupar a Região Sul e,

em particular, o Centro-Sul do Paraná em fins do século passado.

Entre outros feitos de seu governo, fundou a empresa paranaense de energia, a Copel, ainda hoje a maior a nível estadual, quer do setor público, quer do setor privado, e responsável pela diversificação e modernização da estrutura econômica do Paraná; promoveu a ocupação agrícola de parte dos Campos Gerais, por colônias européias, região antes de uso quase exclusivo de grandes latifúndios pastoris; construiu o novo Teatro Guaíra, a nova Biblioteca Pública do Paraná e implantou o Centro Cívico na praça dos três poderes como símbolo, afinal, da função de Curitiba como capital política, universitária e cultural.

Bento Munhoz da Rocha Netto deixou muitas obras, algumas delas reunindo discursos, conferências, artigos de jornal, sobre temas extremamente palpitantes. Entretanto, sua vida e sua obra como intelectual e político ainda está para ser escrita, quando então teremos certamente nele um grande exemplo para as novas gerações. Um exemplo que por sinal está fazendo falta na consolidação de uma consciência de historicidade mais pronunciada. A propósito, vale lembrar a observação de um cientista político, Lucian W. Pye, segundo o qual na ausência de um repositório comum de tradições, as sociedades não conseguem buscar orientação e força no passado; elas têm de olhar para frente e, ao fazê-lo, só enxergam um presente duvidoso e um futuro inseguro.

Samuel Guimarães da Costa

★1989
CENTENÁRIO
da REPÚBLICA

CADERNOS DO MIS

- 1- O TROPEIRO
- 2- O CADERNO DE DONA SELMIRA
- 3- CACHORRO NÃO. CHICHORRO!
- 4- I FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS DA
DA IMAGEM E DO SOM
- 5- ANTIGO PRÉDIO DO GOVERNO
- 6- CI(S)NE. LÉLIO SOTTO MAIOR
JUNIOR

GOVERNO DO PARANÁ

Álvaro Dias

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Renê Ariel Dotti

DIRETORIA GERAL

Danillo Lorusso

COORDENADORIA DE MUSEUS

Ivens de Jesus da Fontoura

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

Valêncio Xavier

